



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12156 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

**AS/OS JOVENS DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA E A
EDUCAÇÃO QUILOMBOLA – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES PARA COMPREENSÃO
DA SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA**

Flavia Salazar Salgado - UFF - Universidade Federal Fluminense

**AS/OS JOVENS DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA E A
EDUCAÇÃO QUILOMBOLA – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES PARA
COMPREENSÃO DA SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA**

Estamos falando da 4ª geração apontada pelo grupo Realidade Negra Rap Quilombola, que canta e reverencia no rap e nos bem produzidos *clips*, audiovisuais, intitulados [A 5ª Geração](#) seus mais novos e mais velhos, assumindo sua tarefa história de continuação.

A juventude da qual pretendemos nos aproximar neste trabalho vive o duplo desafio descrito por CARRANO (2014), trata-se do “desafio de viver a condição juvenil contemporânea marcada por intensos processos de apelo à individualização social”, aliado ao fato de serem “herdeiros das tradições e lutas inconclusas das comunidades negras em sua busca pela conquista do reconhecimento, o direito a terra e a condições de vida digna” (p. 251)

Primeiro Quilombo a ser titulado no Rio de Janeiro, o Campinho da Independência registra avanços importantes nessa luta. Conquistado o título, cabia a gestão das terras, a busca por sustentabilidade, a reinvenção daquela comunidade. Com atuação importante dos jovens da 3ª geração que assumem a AMOQC – Associação de Moradores da Comunidade do Quilombo do Campinho, funda-se o restaurante, inicia-se um trabalho coletivo de Turismo Comunitário, um viveiro de juçara (com fornecimento garantido para o restaurante), abrem-se as casas de artesanato, o Ponto de Cultura Manuel Martins, onde reinventa-se o Jongo, a capoeira, o samba de roda e se inicia o diálogo com a Escola local para uma educação escolar quilombola, canta-se, enfim, em rap, a crônica cotidiana do Campinho e as contradições de seus *rappers* rurais.

Há dois campos fundamentais de produção de conhecimento que balizam nossa pesquisa. De um lado, os estudos da sociologia da juventude que sugerem o entendimento das culturas e ações juvenis a partir de uma dupla perspectiva: macrosociológica e biográfica ou individual (MELUCCI, 2007), na medida em que os jovens vivem entre processos de socialização e de individuação (CARRANO, 2014). De outro, os estudos que embasam práticas pedagógicas interculturais (CANDAU, 2016), capazes de superar a colonialidade e o racismo estrutural presentes nos currículos e no cotidiano escolar, a partir do reconhecimento de “outros sujeitos” e “outras pedagogias” (ARROYO, 2012), a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1967) que desvia o foco da atenção pedagógica para os seus sujeitos que, por sua vez, questionam a pedagogia hegemônica (ARROYO, 2012). Perspectiva esta que se alia a de Nilma Lino Gomes (2017) que demonstra o importante papel educador que os movimentos negros têm realizado frente a mulheres, homens, negros/as e não negros/as e suas instituições.

Rômulo Martins, o Mano Romero, é idealizador e, ao lado de Neilão, MC do grupo que aos poucos ganha instrumentos e novos vocais, no lugar onde costuma estar o DJ: Negro Naldo (Ronaldo, atual presidente da AMOQC) e Body Power na guitarra, no baixo e nos vocais e Fabio Black na bateria. Em live comemorativa dos 22 anos da titulação do Campinho, Mano Romero fala sobre o seu avô Manuel Martins: agricultor, “militante da causa da comunidade”, violeiro e festeiro conhecido.

Na *live*, apresenta-se como rapper, capoeirista e aprendiz do samba e esclarece que entrou na capoeira por causa do Ponto de Cultura que leva o nome do avô:

Com certeza Manuel Martins tá feliz vendo como o trabalho dele progrediu na comunidade. Eu como neto dele assim, tentando dar continuidade no trabalho, na capoeira (...) aprendendo um pouco aí do samba de roda. Nossa cultura é feita assim a passos lentos, mas constantes. (...) Assim vai indo, vamos construindo esse movimento, essa resistência. Mostrando a importância da cultura, da preservação, da autoidentificação, da autoidentidade, do autoreconhecimento.”

Em rap composto por Neilão e Mano Romero, o grupo Realidade Negra Rap Quilombola sintetiza e elabora o duplo desafio de ser jovem em um “território de lutas e memórias coletivas” (CARRANO, 2014).

A vida aqui no campo nunca foi fácil
 aqui também tem que ser Homem de aço
 meu povo fez história mas foi esquecido
 e como fênix estamos ressurgindo
 não temos nada de graça tudo é conquistado

graças aos movimentos que sempre se organizaram
da sua forma, do seu jeito, da sua maneira aonde quer que esteja
é o campo que planta pra cidade comer
porque se o campo parar a cidade come o que?
queremos muito não, suficiente tá bom,
um cantinho no mato, um pedacinho de chão
você também faz parte dessa história
guerra preta estratégia quilombola.
(Realidade Negra Rap Quilombola)

Testemunhas e parte desse movimento e dessa educação quilombola, quando finalizam a etapa do Ensino Fundamental, os jovens do quilombo, entre seus 15 e 16 anos têm que se deslocar para a cidade, de ônibus, pela movimentada BR 101. Ali, além da novidade e do custo da vivência cotidiana da cidade, deparam-se com escolas grandes e com a diversidade cultural da sala de aula, em um município que conta com a presença dos filhos dos caiçaras, muitos expulsos de suas terras ribeirinhas para a periferia da cidade, de jovens indígenas das três aldeias do município e dos filhos das classes médias e baixas paratyenses.

Iniciadas as aulas, aos desafios de cada nova disciplina do currículo, somam-se as sutilezas do currículo oculto, os silenciamentos sobre a sua cultura, a vivência de preconceitos mais e menos velados sobre a sua cor, o seu cabelo, os seus antepassados e suas “feridas coloniais”.

Relativamente próximos da cidade e das vivências tipicamente urbanas e juvenis, os *rappers* do Campinho, não parecem se ressentir de sua condição, ao contrário, é a partir dela que constroem sua identidade. Caberá compreender, atentos ao risco de cairmos em essencialismos identitários, mas entendendo a identidade como processo dinâmico, em que medida a escola tem promovido a expressão e o diálogo com essas outras identidades, a fim de que esses jovens colaborem para o enriquecimento da escola, finalizem seus estudos na Educação Básica e possam projetar, munidos também por uma rica trajetória escolar, seu próprio futuro individual e comunitário.

Palavras-chave:

Juventude, Educação Quilombola, Escola

Referências Bibliográficas:

AMOCQ – *Live Cultura Quilombola – série 22 anos de Titulação do Quilombo do Campinho da Independência* – Paraty-RJ (canal de Youtube – Quilombo do Campinho) - <https://www.youtube.com/watch?v=7KJ092K484Y> (acessado em 13/09/2022).

ARROYO, M. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARRANO, Paulo – *Juventude Quilombola em Territórios de Memórias Coletivas* in: Marilda Aparecida de Menezes; Valmir Stropasolas e Sergio Botton Barcellos (orgs.). *Juventude e Políticas no Brasil*. NEAD/MDA/SNJ/IIICA – Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2014.

_____. *Combater, ignorar ou dialogar com as identidades juvenis* in: *Revista Nova Escola*, 2015 (<https://novaescola.org.br/conteudo/8505/combater-ignorar-ou-dialogar-com-as-identidades-juvenis>, em 23/06/2022)

CANDAU, Vera. *O Cotidiano Escolar e Práticas Interculturais*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, setembro de 2016.

CARVALHO, E. “Tem que partir daqui, é da gente”: A construção de uma Escola “Outra” no Quilombo Campinho da Independência. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude in: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 200.

FREIRE, P.. *Pedagogia do Oprimido*. 73ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020 (1ª edição brasileira, 1967)

GOMES, N.L. *O Movimento Negro Educador – Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais* in: FÁVERO, O., SPÓSITO, M.P., CARRANO, P. & NOVAES, R.R. *Juventude e Contemporaneidade*. Coleção Educação para Todos, 16. Brasília : UNESCO, MEC, ANPED, 2007.